

Entre o dia e a noite em Belo Horizonte: registros fotográficos dos espaços públicos

Between day and night in Belo Horizonte: photographic records of public spaces

Patrícia Daniela Souza dos Anjos
Marinette Santana Fraga
Armando dos Santos de Sousa Teodósio

RESUMO

Este artigo objetiva evidenciar, no âmbito da gestão social e da administração pública, a utilidade diurna e noturna da cidade de Belo Horizonte para seu povo. Norteia-se pela abordagem da concepção de cidade, trazendo como recorte a ocupação dos espaços públicos. As ações praticadas pelo povo dentro da urbe são misteres, visto serem carregadas de simbolismos e, ao mesmo tempo, dependentes das formas como os gestores públicos administram os recursos e reordenam sua ocupação para minimizar as desigualdades. O registro fotográfico e a análise narrativa foram usados como metodologia para distinguir a utilidade diurna e noturna dos espaços sociais nas cidades. Aplicou-se a pesquisa qualitativa com anotações de campo e vivência *in lócus* para compreender melhor a resignificação desses espaços a partir dos diversos sujeitos ali presentes. Dia e noite, os espaços são e podem ser apropriados com resignificações e reivindicações das relações individuais, coletivas ou de sobrevivência. Os resultados evidenciam espaços contraditórios que durante a noite servem como moradias sociais e durante o dia são espaços capitalistas que emergem com o nascer do sol e desaparecem os abrigos noturnos dos necessitados. A dinâmica do dia acontece com intensos fluxos automotores em vias urbanas, conflitos por interesses pessoais, políticos e de práticas de controle que privilegiam os interesses da minoria.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade. Registros fotográficos. Espaços públicos. Resignificar. Resistir.

ABSTRACT

This article aims to highlight, in the scope of social management and public administration, the day and night utility of the city of Belo Horizonte for its people. It is guided by the approach to the conception of the city, bringing out the occupation of public spaces. The actions taken by the people inside the city are mysterious, since they are loaded with symbolism and, at the same time, dependent on the ways in which public managers manage resources and reorder their occupation to minimize inequalities. The photographic record and narrative analysis were used as a methodology to distinguish the daytime and nighttime utility of social spaces in cities. Qualitative research with field notes and living in locus was applied to better understand the resignification of these spaces from the different subjects present there. Day and night, spaces are and can be appropriated with resignifications and demands of individual, collective or survival relationships. The results show contradictory spaces that at night serve as social housing and during the day are capitalist spaces that emerge at sunrise and the night shelters of the needy disappear. The dynamics of the day happen with intense automotive flows on urban roads, conflicts over personal, political and control practices that privilege the interests of the minority.

KEY WORDS: City. Photographic records. Public spaces. Reframing. Resist.

1 INTRODUÇÃO

A cidade pode ser considerada como um espaço coletivo envolvendo diversas subjetividades, onde seus múltiplos atores vivenciam experiências positivas e negativas. Um espaço com bens públicos e intangíveis onde diversos olhares se encontram, se unem ou se tornam invisíveis. É na cidade que há a convivência de pessoas de várias classes sociais, etnias, identidades, costumes e crenças. Este configura um grande sistema aberto, uma casa enorme com diversidades de pessoas e recursos que deveriam ser de todos e para todos.

Segundo perspectivas simbólicas unipessoais diversificadas, os lugares assumem significados múltiplos a partir do olhar de quem observa e vivencia. Na busca de descrever a percepção da cidade como um lugar que deveria ser de todos e para todos e a todo instante de forma contínua, surgiu a inquietação sobre os movimentos noturnos e diurnos da capital mineira. Num período de tempo que supostamente a cidade diminui seu ritmo de mobilidade e as pessoas se recolhem para suas casas, buscou-se por meio de registros fotográficos uma representação de alguns acontecimentos da noite no centro de Belo Horizonte. Os registros fotográficos são uma forma de linguagem importante que possibilita uma melhor compreensão do cenário a ser estudado. Segundo Gusmão e Souza (2008) as imagens fotográficas e as narrativas permitem contar histórias do lugar devido à forte relação com as reminiscências.

Nos espaços públicos das cidades é perceptível o grande dinamismo e ressignificações contínuas e longitudinais. Nesses se formam um espaço de interação e hibridismo que não deve ser pensando, simplesmente, como um aglomerado de pessoas sobre um dado espaço geográfico (SARAIVA; CARRIERI, 2012). Nessa concepção, a cidade não apenas constrói e reconstrói no tempo identidades, mas produz e reflete identificações, símbolos, rituais e signos (IPIRANGA, 2010). Os autores Saraiva e Carrieri (2012) defendem a existência de uma dinâmica processual coletiva que é alimentada de forma contínua por componentes individuais e culturais, formando assim, uma identidade local.

Além disso, a cidade é um espaço de sociabilidade, pois dela participam “atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos” (PESAVENTO, 2007, p. 14). Nessas relações são tecidas redes sociais que reforçam a ideia da cidade como uma “habitação” ou “moradia” de muitos, algo que não se pode pensar individualmente, mas no coletivo (PESAVENTO, 2007). As redes são desenhadas e sistematizadas nos espaços públicos, entretanto, muitos encaram como uma utilização inapropriada e sem sentido, tornando-se lugares comuns e de passagem apenas. Desse modo, a cidade está de forma física em um local e de forma contínua não para, seja dia ou noite, sua dinâmica vai se realizando no tempo e na infinidade, com pressuposto de continuidade e distante do verbo desaparecer.

Tendo como diretrizes essas visões supracitadas, realizou-se registros fotográficos e anotações de campo na região do Baixo Centro na cidade de Belo Horizonte, no Estado de Minas Gerais. Buscou-se por acontecimentos e fatos que permitissem evidenciar as particularidades da cidade sob uma percepção diurna e noturna na dinâmica dessa cidade e seu povo, ou seja, como as pessoas ressignificam os espaços públicos e sua utilidade em períodos distintos, visto que “o lugar é uma configuração estática que ganha vida e se torna um espaço quando habitado” (HONORATO; SARAIVA, 2016, p. 177). Portanto, o lugar denominado Cidade pode possibilitar ou não uma utilidade peculiar para o dia ou para a noite.

Na cidade é possível caracterizar pontos de passagens, nos quais acontecem fatos sociais como o olhar para objetos fixos e móveis, a mobilidade lenta ou apressada das pessoas e seus comportamentos relacionais com o outro e com os bens públicos dos espaços. A perspectiva de identificar esses pontos se baseia na sua caracterização simbólica ou identitária, e se faz por meio da subjetivação de cada ator. Dessa forma, delineou-se a seguinte problemática: como os espaços públicos são modificados e alterados no horário diurno e noturno por objetos, atividades e pessoas em busca de utilidade e sociabilidade?

Para o alcance do objetivo proposto nesta pesquisa, utilizou-se uma câmera fotográfica digital para fazer os registros fotográficos, aplicaram-se técnicas de observação não participante e anotações de campo. Com população estimada em 2.512.070 milhões (IBGE, 2019), a capital mineira ocupa atualmente a sexta posição das maiores capitais do Brasil. Além disso, Belo Horizonte é conhecida nacionalmente como a capital mundial dos bares, com uma média de 28 bares a cada quilômetro quadrado, considerando a área total de limite do município, que é de 332 Km². E a região central concentra cerca de 704 estabelecimentos (PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 2017). Os dados demonstram que há intensa atividade noturna na cidade e, portanto, comparar o cenário noturno com as grandes movimentações diurnas de transeuntes e veículos automotores nos espaços públicos torna-se de grande importância para os estudos organizacionais, principalmente os relativos às dinâmicas citadinas.

2 PERCURSO NARRATIVO: FOTOGRAFANDO PONTOS DA CIDADE DE BELO HORIZONTE

A escolha dos locais da cidade a serem pesquisados se deu pela identificação da relevância deles na história de Belo Horizonte. As narrativas foram tecidas com base nas fotografias e contextos dos cenários. O olhar científico da utilidade dos espaços tem como pretensão contribuir para a ciência e para a identificação das subjetivações encontradas no contexto das cidades. Muitas pessoas e movimentos diários acabam passando despercebidos diante de diversos fatos sociais e invisibilidades da cidade que teoricamente constitui patrimônio do povo.

2.1 A Praça da Estação: como caracterizar o dia e a noite nesse espaço?

Sem a pressão da rotina de vida das grandes cidades, com determinação e olhar mais científico, os pesquisadores fizeram a parada observatória inicial na Praça da Estação (nome popular) que também é conhecida como Praça Rui Barbosa, local de referência histórica e da arquitetura neoclássica. Inaugurado em 1904, o lugar denota algumas peculiaridades como, por exemplo, a instalação do primeiro relógio público de Belo Horizonte no alto da torre da Estação.

Atualmente, a Praça Rui Barbosa centraliza um circuito cultural formado pelos prédios do Museu de Artes e Ofícios, Casa do Conde de Santa Marinha, Centro Cultural da Universidade Federal de Minas Gerais, o Viaduto de Santa Tereza e a Serraria Souza Pinto (BELO HORIZONTE, 2018). Diversos eventos culturais e manifestações acontecem nesse local no decorrer do ano e em tempos distintos, seja no horário matutino, vespertino ou noturno. Dentre esses eventos, os pesquisadores se depararam com o Arraial de Belo Horizonte, na sua 40^a edição que sempre acontece nos meses de junho e julho. Como evento

gratuito, foi notória a presença de um grande número de pessoas no dia 19 de junho de 2018 entre os horários de 22h30 e 23h40. As figuras 1 e 2 ilustram a ocupação do espaço e permitem mostrar o grande número de participantes nesta festa cultural e simbólica:

Figura 1 - Entrada do evento



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Figura 2 - Expectadores nas arquibancadas



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

O evento ficou bastante cheio no dia e envolvia a participação de diversas pessoas, independentes de classe, gênero ou raça. Por não ser pago, possibilitou o acesso à cultura e ao lazer aos menos favorecidos. A principal observação foi em relação a segurança do local. Ocorria revista feita pela polícia nas entradas e mediações. A prática de “Controlar” pelos agentes era bem visível durante toda a execução da festa e um dos motivos para tamanho protecionismo pode ser justificado pela predominância de pessoas de classe popular no local, ainda discriminada como pessoas de balbúrdia e como bandidos. O modo de falar, a simplicidade das roupas, a forma de comer e a alegria de lazer demonstravam o retrato da classe popular brasileira que, mesmo diante do olhar controlador e fiscalizador, tentava se divertir num espaço em que foi ressignificado como local de cultura, lazer e entretenimento ao contrário de um local ocioso, frio, ponto de passagem rápido e simples caracterização histórica. Havia também a presença de pessoas ditas como classe média e com *habitus* distintos, mas a predominância era da classe popular.

Para Cunha (2009), a rua é visualizada como lugar do encontro, do movimento, da mistura, como teatro natural espontâneo e não simplesmente um lugar de passagem e circulação. Na rua os fatos acontecem e ganham vida relacional. O olhar fotográfico foi direcionado não somente para as pessoas, mas também para a disposição dos equipamentos e objetos na Avenida e seu entorno. Assim, o mesmo lugar apresentou duas realidades distintas, sendo de noite um local de encontro de pessoas que buscam a diversão e, de dia, de forma ressignificada, funciona como uma via de passagem de carros, ônibus, caminhões e pedestres. O cenário diurno mostrou-se mais preocupante, perigoso e intenso devido ao fluxo de trânsito que perpassa não só pela Avenida dos Andradas, mas abarca toda a cidade. Passando num horário vespertino, foi notória a dicotomia que é inserida. A figura 3 mostra o cenário:

Figura 3 - Entorno da Praça da Estação: o dia na Avenida dos Andradas



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

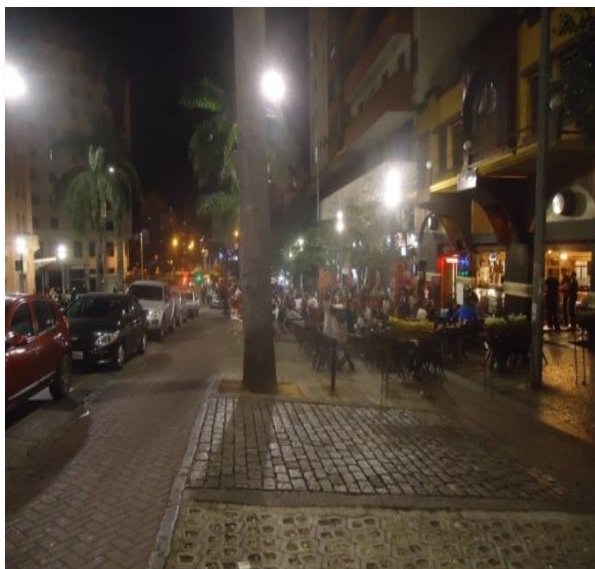
O trânsito evidencia a pressa das pessoas e a ocupação do espaço; representa uma forma de mobilidade urbana. Todavia, revela uma disputa de espaço com os pedestres. No mesmo local vivenciam-se inúmeras experiências que vão ao encontro do respeito ou não das

normas legislativas, ao meio ambiente e do respeito com o outro. Acrescenta-se a intolerância de alguns motoristas e pedras diante do caos da circulação veicular em horários de pico.

2.2 Avenida Amazonas: espaço de mobilizações, ressignificações, resistência e de práticas econômicas

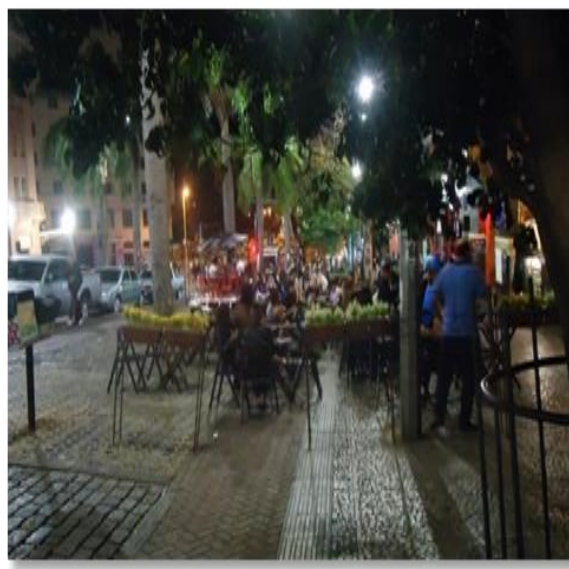
Dando continuidade ao percurso noturno, os pesquisadores encontraram na Avenida Amazonas um grande número de pessoas se divertindo nos bares ali fixados (Figuras 4 e 5); uma configuração tradicional de lazer dos belorizontinos. A ocupação do espaço se efetiva para atender interesses econômicos, mas não deixa de reproduzir um espaço de convivência, onde histórias de vida são relatadas, desilusões de amores podem ser amenizadas entre uma bebida e outra. Um local de sociabilidade e de cultura que envolve culinária típica, músicas e danças. O movimento se vai com o dia e à noite as ruas adormecem e solitárias esperam o amanhecer.

Figura 4 - A boemia



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Figura 5 - Entretenimento e descontração



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

2.3 Avenida Amazonas: espaço de diversão, trabalho e de diferenciação social

Cruzando a Rua Espírito Santo, os pesquisadores retornaram para a Avenida Amazonas, considerada uma das mais movimentadas pelos bares noturnos. Registrou-se um aglomerado de pessoas reunidas em frente ao “Restaurante Tropeiro” e de grande movimentação de pessoas se divertindo e trabalhando. Do outro lado dessa Avenida, o movimento era bem menor, embora também houvesse bares abertos no mesmo horário, porém menos frequentados ou com públicos distintos do primeiro bar. As pessoas escolhem o seu lugar e permanecem ali a noite toda, podendo chegar até as 06h00 da manhã. As figuras 6 e 7 ilustram o movimento e seus significados.

Figura 6 - Movimentação de um lado da avenida



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Figura 7 - Novo significado para o mesmo espaço



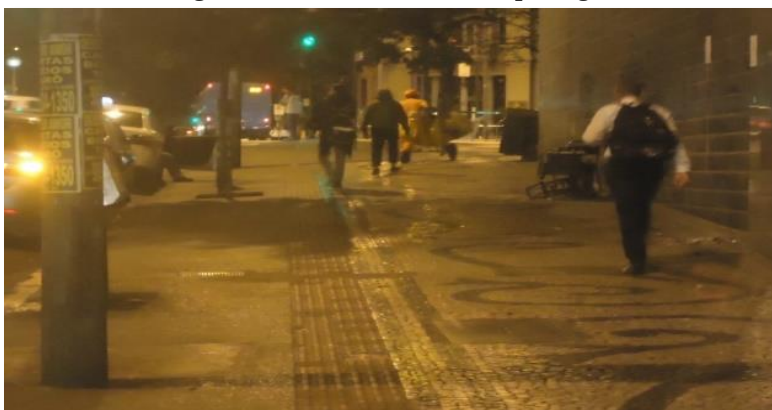
Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Na primeira figura é registrado a intensa aglomeração de pessoas que se divertem no local devido a movimentação comercial de bares, um ponto de encontro e de diversão. Uma foto do mesmo local, sob outro ângulo mostra que no mesmo ponto as atividades se modificam durante o dia. A imagem sinaliza pessoas passando, garis varrendo a calçada, vendedores de pipocas e mais trânsito. As árvores servem como ponto de descanso devido à sombra que proporciona. Esse se tornou um local estático e de passagem.

2.4 Praça Sete: a praça é do povo

Para Certeau (2008) observar a cidade a partir das formas definidas impede a compreensão da dinâmica urbana. O autor defende que a visão estrutural é importante, contudo, é limitada. O que está em voga é tentar apreender e compreender as ações dos sujeitos urbanos. Dessa forma, nesse trecho da cidade, já se aproximando da Praça Sete de Setembro, poucos pedestres caminham. O que mais chama a atenção nessa fotografia é o gari trabalhando nas ruas do Centro e a bancada de um engraxate que trabalha naquele ponto durante o dia (Figura 8).

Figura 8 - Local de trabalho e passagem



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Em contraponto ao espaço acima, a figura 9 mostra a movimentação durante o dia, onde se destaca a rota de passagem das pessoas, fiscais da prefeitura, camelôs e vendedores ambulantes.

Figura 9 - Local de passagem e trabalho



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Ainda nos entornos da Praça Sete de Setembro, algo chamou a atenção quanto ao seu glamour, o *Cine Theatro Brasil Vallourec*, um dos mais antigos prédios da cidade. Inaugurado na Praça Sete em 14 de julho de 1932, foi construído como um espaço para abrigar as diversas formas de arte: teatro, ópera, música. Ao longo dos anos, o espaço tornou-se também ponto de encontro da sociedade belo-horizontina e recebia os tradicionais bailes de carnaval que aconteciam nos *foyers* (CINE THEATRO BRASIL, 2018).

Como casa de espetáculo mais antiga de Belo Horizonte e também pela diversidade de eventos que possui, o espaço é bastante frequentado nos dias atuais. No dia do registro fotográfico, 21 de junho de 2018, a movimentação parecia ser bem discreta se comparado às épocas da Campanha de Popularização do Teatro que ocorrem entre janeiro e março, onde se formam filas enormes e disputas por lugares.

Durante o dia, o mesmo espaço ressignifica como um local onde as pessoas exercem atividades diferentes da proposta noturna, ou seja, da diversão, do entretenimento, do riso, do lazer, o espaço se transforma em um local de trabalho, de gritos, de correria dos transeuntes, de trabalho do *Greenpeace*, de foto na hora e de vendedores de pipoca, de concorrência e de empoderamento de que “aqui é meu lugar, meu posto de trabalho”. As figuras 10 e 11 retratam bem essas observações:

Figura 10 - O Glamour do teatro



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Figura 11 - Diversidade de trabalhadores



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Praticamente do lado do *Cine Theatro Brasil Vallourec* há alguns bares que funcionam como espaço de diversidade e de estilos. Acabam se tornando um espaço de troca cultural que envolve culinária, música, dança, dentre outros aspectos. Os cantores de barzinho promovem a animação devido às suas habilidades com instrumentos e canto, trazendo um diferencial competitivo para os bares. No bar (Figura 12) havia um cantor que conduzia o *show* e as pessoas estavam bem animadas, escutavam as músicas, cantavam junto com o cantor e dançavam bastante.

Figura 12 - Diversão ao lado do teatro



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Durante o dia, o mesmo espaço de alegria e descontração reflete um cenário mais de quietude, sem graça e de passagem. As pessoas estão trabalhando e nesse horário do dia não há aquela interação identificada no turno da noite. Poucas pessoas aparecem conversando ou interagindo umas com as outras como mostra a figura abaixo:

Figura 13 - Seriedade das pessoas



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Na sequência do registro fotográfico, deparou-se com um movimento interessante que aconteceu no entorno da Praça Sete de Setembro, dia 21 de junho. Havia muitos *skatistas* reunidos e os pesquisadores indagaram o que estava acontecendo. Um dos *skatistas* explicou que naquele dia estava se comemorando o Dia Mundial do Skate. Conhecido como: “*Go Skateboarding Day*” (título original), foi criado em 2004, por iniciativa da *International Association of Skateboards Companies* – IASC (“Associação Internacional de Companhias de Skate”, em português), uma associação fundada em 1994. Vários países aderiram a esse movimento, inclusive o Brasil (CALENDARR, 2018).

Na apresentação, eles faziam uma competição de salto sobre um hidrante localizado em frente a um banco privado. Havia jurados avaliando os saltos para premiar no final o vencedor com medalha. Esse momento de concentração ilustra bem o que Park (1967) fala sobre a noção de região moral, em que indivíduos com determinadas características sócio-psicológicas, cujas origens podem ser diversificadas, se concentram em áreas específicas da cidade e delas se apoderam. Após a demonstração dos saltos, os competidores partiram em conjunto para o Obelisco (Pirulito) da Praça Sete a fim de vibrarem pela causa do movimento. Mesmo em meio ao fluxo de carros, fizeram a concentração que pode ser vista através da figura 14. Em seguida, saíram em grupo para percorrer toda a cidade, começando pela Avenida Afonso Pena. Tal prática ocorre anualmente e é sagrada para os *skatistas*.

Figura 14 - Concentração dos *skatistas* na Praça 7



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Na figura 15 é possível visualizar a movimentação diurna desse ponto de Belo Horizonte. Carros, ônibus e pessoas se inter cruzam nos entornos da Praça Sete de Setembro. Conforme visto anteriormente, a noite representou outra simbologia, ou seja, palco de manifestação e comemoração de *skatistas* no momento do registro. Esse é um espaço público de constantes manifestações e eventos de referência da capital mineira:

Figura 15 - Movimento na Praça Sete de Setembro



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

2.5 Os entornos da Praça Sete: o que acontece na Rua Rio de Janeiro?

Ainda nos entornos da Praça Sete, próximo à Igreja São José, os bares e restaurantes ressignificam o lugar de passagem transformando-os também em local de diversão e lazer. Num primeiro momento o local está vazio, mas aos poucos e no decorrer da noite as pessoas vão se acomodando e o lugar vai enchendo, conforme figura 16. A cidade passa a ser percebida como cenário em contínua mudança e sujeita às oscilações e dispositivos que ao mesmo tempo revelam e encobrem (PECHMAN, 2014):

Figura 16 - Local de descontração



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Durante o dia, destacam-se os transeuntes e os *hippies* que trabalham nesse ponto. É notório, conforme a figura 17 a presença de pessoas, arquitetura antiga e a manutenção de telefones públicos em algumas partes da cidade.

Figura 17 - Local de passagem



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

As mesmas ruas e calçadas que servem como lugar de diversão, trabalho ou passagem, servem também como uma “casa” em que pessoas podem dormir. Registrou-se na Rua Rio de Janeiro alguns *hippies* que armaram sua barraca para dormir em frente às lojas (Figura 18):

Figura 18 - Espaço como “casa”



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

A calçada que serviu para abrigar pessoas é a mesma que desperta consumidores a comprarem produtos nas várias lojas que ali se encontram (Figura 19):

Figura 19 - O espaço que se transforma



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Percorrendo ainda a Rua Rio de Janeiro, encontrou-se um artista (*Michael Jackson*) que se apresenta quase diariamente entre as ruas Rio de Janeiro e Tupis, próximo ao *Shopping Cidade* (Figura 20). Seu objetivo é arrecadar dinheiro e para isso coloca uma caixinha em que as pessoas depositam uma gratificação. A imagem também elucida um rapaz usando o celular, talvez num momento de descanso.

Figura 20 - A essência do “Eu”



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

O rapaz do violino (Figura 21) demonstra seu talento, independente da presença dos fiscais da prefeitura que estão bem próximos. Utiliza sua habilidade para garantir sua sobrevivência e da sua família. Assim, são visíveis tanto nesta imagem quanto na anterior a prática de ressignificar e resistir pela vida na cidade:

Figura 21 - O resistir com o meu “eu”



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Continuando na Rua Rio de Janeiro, o próximo clique foi dado ao lado do *Shopping Cidade*. Ali foi encontrada uma pessoa em situação de rua dormindo em frente a uma loja. Durante o dia, o local é uma alegoria ao consumo e as lojas que representam o capitalismo estão ocupando um espaço bem organizado. A noite suas fachadas se transformam em

moradia; casa de uma pessoa com papelões. O morador percebe seu espaço como bom, diferente de outras pessoas que não concordam com sua presença estabelecida naquele local. A diferença de ocupação do dia e da noite representa a desigualdade social que permeia a vida de milhares de pessoas (Figuras 22 e 23).

Figura 22 - A utilização múltipla do espaço



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Figura 23 - O espaço do consumo



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

2.6 Avenida Paraná: solidariedade na rua e vendedores ambulantes

Dando continuidade ao percurso chegou-se à Avenida Paraná. As imagens evidenciaram a transformação da rua em um espaço de solidariedade. No momento da fotografia (Figura 24) estava acontecendo um trabalho voluntário de uma igreja com pessoas em situação de rua. Os voluntários estavam alimentando fisicamente e pregando a palavra para essas pessoas.

Figura 24 - A esquina solidária



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

O trabalho informal está presente em grande parte do centro de BH, principalmente entre a Avenida Paraná e Rua Curitiba. Os camelôs ocupam os passeios com sua bancada, diminuindo o espaço para pedestres. Um ato de controle da cidade estava presente no momento em que passamos no local por intermédio dos fiscais da prefeitura que estavam próximos aos vendedores de ruas. Os policiais não os reprimiam, atuavam de forma figurativa. Os camelôs acreditam que ali é o seu “escritório” e ressignificam como local de trabalho. Muitos debates surgem em torno da informalidade urbana, dentre eles o que Fortuna (2019) aponta ao dizer que na economia urbana, a informalidade muitas vezes é associada ao ilícito e clandestino, criando assim um obstáculo à sua aceitação, pois em muitos casos o informal urbano pode estar conectado às máfias organizadas em torno da distribuição comercial ou pontos de venda.

Figura 25 – Os camelôs fixados nas calçadas



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Figura 26 - O espaço e sua disputa



Fonte: Acervo pessoal das autoras.

Como percebido na figura 26, ao final do percurso, um rapaz, que é camelô, foi avistado sentado na calçada. Ele não via problema nenhum em estar ali, mesmo com a placa que designa “Preferência para pedestres”. Nota-se pessoas passando, garis, camelôs trabalhando, lojas abertas. Assim, o espaço vai sendo disputado e as pessoas seguem suas atividades, umas tendo o local fixo para negócio e outros como meros passageiros desse “trem” apropriado e chamado de espaço público da cidade que é o povo, e não do povo. O povo faz a cidade, mas nem sempre a cidade é governada para o bem-estar do povo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho contribui com a abordagem da concepção da cidade voltada para o povo. Representa a necessidade de a administração pública prover melhores condições e organizações do espaço público para atender as diferentes necessidades. Faz um chamamento a respeito da gestão desse espaço que se modifica durante o dia e a noite, na qual a desigualdade é evidenciada. O registro fotográfico propiciou a compreensão da cidade como sendo mais do que um aglomerado de pessoas sobre um dado espaço geográfico. Nos conduziu para as diferentes utilidades dos espaços públicos, ora como exploração capitalista ora como moradia e local de trabalho de ambulantes. A cidade deve ser útil para todo o seu povo, e é esse povo que com resistência e resiliência vai ocupando, na escuridão noturna, os espaços públicos compostos, em sua maioria, por capitalistas que, ao raiar do dia, se sentem com poder para expulsar os mais vulneráveis.

A cidade tem uma dinâmica processual coletiva alimentada continuamente por componentes individuais e culturais que implicam a construção de uma identidade local, o que se refere à cidade em si e à gestão desse complexo. No contexto citadino, o dia e a noite são vivenciados de formas distintas e ao mesmo tempo complementares, escondem conflitos e os revelam ao olhar dos movimentos e ações de ressignificar e resistir aos controles, discriminações, preconceitos e necessidades para viver o cotidiano. Seja dia ou noite a cidade pertence ao povo.

REFERÊNCIAS

BELO HORIZONTE SURPREENDENTE. **Praça da Estação - O lugar onde a construção começou.** Disponível em: <<http://belohorizonte.mg.gov.br/atrativos/roteiros/oficios-de-minas/praca-da-estacao-o-lugar-onde-construcao-comecou>>. Acesso em: 07 de jul. 2018.

CALENDARR. Disponível em: <https://www.calendarr.com/brasil/dia-mundial-do-skate/>. Acesso em: 02 de jul. 2018.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CINE THEATRO BRASIL. Disponível em: <https://cinetheatrobrasil.com.br/cine-theatro-brasil/historia/>. Acesso em: 02 de jul. 2018.

CUNHA, Aurineida Maria. Trabalhadores de rua: tensões e resistências na luta pelo direito ao trabalho, **Rev. Katál**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 77-85, jan./jun. 2009.

FORTUNA, Carlos. Urbanidades invisíveis. **Tempo soc. [online]**, v. 31, n. 1, p. 135-151, jan./abr. 2019.

GUSMÃO, Denise Sampaio; SOUZA, Solange Jobim. A estética da delicadeza nas roças de minas: sobre a memória e a fotografia como estratégia de pesquisa-intervenção. **Psicologia & Sociedade**, 20, edição especial, p. 24-31, 2008.

HONORATO, Bruno Eduardo Freitas; SARAIVA, Luiz Alex Silva. Cidade, População em Situação de Rua e Estudos Organizacionais. **Revistas Unijuí**, ano 14, n. 36, p. 158-186, out./dez., 2016.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Panorama de Belo Horizonte**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/belo-horizonte/panorama>. Acesso em: 09 de set. 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **IBGE divulga as estimativas da população dos municípios para 2019**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25278-ibge-divulga-as-estimativas-da-populacao-dos-municipios-para-2019>. Acesso em: 09 de set. 2019.

IPIRANGA, Ana Silva Rocha. A cultura da cidade e os seus espaços intermediários: os bares e os restaurantes. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 65-91, jan./fev. 2010.

PARK, Robert E. **On social control and collective behavior**: selected papers edited and with introduction by Ralph H. Turner. Chicago: The University of Chicago Press, 1967.

PECHMAN, Robert. “Descontruindo a cidade. Cenários para a nova literatura urbana”. In.: KUSTER, Eliana; PECHMAN, R. **O chamado da cidade: ensaios sobre a urbanidade**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, pp. 89-102, 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Jun. 2007.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. **BH em Pauta: Conheça o mapa dos botecos de BH**. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/bh-em-pauta-conheca-o-mapa-dos-botecos-de-bh>. Acesso em: 09 de set. 2019.

SARAIVA, Luiz Alex Silva; CARRIERI, Alexandre de Pádua. Organização-cidade: proposta de avanço conceitual a partir da análise de um caso. **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro, v. 46, n. 2, p. 547-76, mar./abr. 2012.